

ROSTO, MÍDIA E DISTANCIAMENTO SOCIAL¹

Denize Dall' Bello²

RESUMO: Este texto é um relato de observação e reflexão realizado durante o ano de 2020 e 2021, no contexto da pandemia pela Covid-19. A partir de relatórios de prevenção, os cursos da Universidade Federal de Mato Grosso desenvolveram as suas atividades acadêmicas no formato online. Por esse motivo, o centro desse trabalho será o rosto e a sua transformação em imagens produzidas nas videochamadas usadas para a realização de disciplinas online. A oferta da disciplina Semiótica no primeiro semestre de 2021 no curso de Cinema e Audiovisual trouxe a oportunidade de estudar esse fenômeno. Ao longo do semestre realizei algumas observações e anotações fruto das conversas e da leitura de textos sobre o tema do rosto, dos meios e do distanciamento social, entre outras estratégias, que auxiliaram a leitura do rosto dos participantes no “novo normal”. Não se tratou, evidentemente, da utilização das imagens dos alunos. Tratou-se, conforme escreveu Hans Belting no seu livro Faces, “de pensar a imagem do homem, a fabricação do rosto como meio de interação social”, de pensar sobre a ausência do contato físico e os seus efeitos na constituição dos vínculos entre os participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Mídia. Rosto. Distanciamento social.

Em virtude da pandemia do coronavírus, o ano de 2020 foi atípico no mundo ocidental. Não menos incomum, foi o que experimentamos a partir do segundo semestre desse mesmo ano, quando grande parte dos cursos da Universidade Federal de Mato Grosso iniciaram as suas atividades acadêmicas no formato online. O ensino remoto rapidamente tomou o lugar da modalidade presencial. Em 2021 os relatórios de prevenção à Covid-19 produzidos pela universidade apontavam para a continuação da oferta na modalidade online. Por esse motivo, comecei a interessar-me sobre o rosto e a sua transformação em imagens produzidas nas videochamadas

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídias Terciárias: o humano capturado pela rede midiática, do VIII ComCult, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² Professora Doutora em Comunicação e Semiótica na Universidade Federal de Mato Grosso, denize.bello@ufmt.br

usadas para a realização de disciplinas online. A oferta da disciplina Semiótica no primeiro semestre de 2021 no curso de Cinema e Audiovisual trouxe a oportunidade de estudar esse fenômeno. Os encontros semanais com essa turma suscitaram algumas perguntas: Que rostos e imagens eram aqueles que passávamos a ver todos nos dias, quando tínhamos aula dessa matéria? Que comunicação estava sendo produzida naquele novo contexto? Que ambiente comunicacional e educacional (?) estava sendo gerado naquela modalidade? Fazia falta o contato físico? Pensar uma experiência quando se está dentro dela constitui sempre numa tarefa desafiadora e avalio que, apesar das muitas perguntas, nesse texto, contemplo parcialmente alguns pontos.

Ao longo do semestre foram realizadas algumas observações e anotações fruto das conversas e da leitura de textos sobre o tema do rosto, dos meios e do distanciamento social, entre outras estratégias, que tiveram como propósito auxiliar a leitura do rosto dos participantes nesse "novo normal". Não se tratou, evidentemente, da utilização das imagens dos alunos. Tratou-se, conforme escreveu Hans Belting no seu livro *Faces*, "de pensar a imagem do homem, a fabricação do rosto como meio de interação social", de pensar sobre a ausência do contato físico e os seus efeitos na constituição dos vínculos entre os participantes a partir de conversas, da aplicação de atividades escritas e leitura de textos teóricos que procuraram oportunizar aos envolvidos (alunos e professora) pensar sobre esse novo contexto comunicacional, promovido pelo distanciamento e pelas aulas virtuais.

Nas falas dos alunos, durante as aulas, ficou muito marcado o sentimento de medo. Perguntados se tivessem que escolher entre encontrar os colegas na sala de aula física, observando as regras de segurança, fortemente propagandeada

pelos meios de comunicação, e ver os colegas através de encontros online, o que escolheriam? Venceu a segunda opção. Justificativa: o contato, do qual tanto sentiam falta, transformou-se em perigo e em sinônimo de contágio. Apesar de gostarem da presença dos colegas, tinham medo do que poderia transportar o corpo desse outro. Melhor olharem-se através das telas. Os alunos que, em geral, acessam o celular para absolutamente quase tudo, que ficam muito tempo vasculhando sites, olhando imensamente o Instagram, fazendo selfies, alguns que, nas aulas presenciais, permaneciam conectados aos aparelhos, não queriam mostrar o rosto, quando solicitados a abrir uma janelinha para que os pudéssemos ver e ouvir. Algumas vezes as vozes travavam. Seria de propósito? Como alguns, eu já conhecia pessoalmente, por causa dos semestres anteriores, o reconhecimento vinha pela voz e não pela imagem.

Em mais de uma ocasião, a tal "janelinha" virtual, pela qual eu tanto esperava abrir-se, lembrou-me uma tapeçaria estudada por Aby Warburg, cujo título era "Viagem ao céu e às profundezas do mar de Alexandre". Nela podia-se ver uma espécie de janelinha no céu, toda drapeada onde a figura de Deus olhava lá embaixo a vida de herói que Alexandre, o imperador Macedônio, levava.

Entretanto, essa janelinha que, poderia muito bem simbolizar ligação entre dois mundos, possibilidade de contato, dificilmente se abria para mim e para os demais. Que tipo de contato estávamos criando? Que situação era aquela? Aquilo então era uma parte do ensino remoto? Janelinhas enfileiradas embaixo da minha com fotografias exibindo poses extrovertidas dos participantes ou com grandes iniciais dos nomes dos matriculados? Era assim que eles - em imagens - se apresentavam? Foi assim que trabalhamos todo o semestre: com imagens uns dos outros.

O livro *Faces* de Hans Belting é um material que ainda estou consultando. Até onde foi possível compreender, Belting faz um estudo profundo ligando as máscaras, a mímica e o rosto. Fala de retratos, de memória, de pinturas, do rosto no cinema, mas eu queria saber o que estava acontecendo com o que eu via que não era cinema, que não era retrato, que não era máscara, nem pintura, eu buscava os alunos "de antes". Quer dizer, havia, sim, um pouco do retrato, de cinema, de máscara, por exemplo, quando eu via que as imagens que eles escolhiam para apresentarem-se e representarem-se nessas janelinhas imitavam modelos de beleza e de felicidade. Não me ocorreu registrar algumas dessas imagens naquele momento. No entanto, foi possível notar que o uso de maquiagem nas fotos, alguns efeitos de embelezamento e os ângulos mais favoráveis disponíveis nas câmeras de celulares, acrescentaram um aspecto de fantasia e de teatralidade às imagens escolhidas. Quando as aulas retornaram presencialmente, por mais de uma vez, foi embaraçoso não conseguir ligar o rosto vivo à imagem que eu me lembrava dos perfis dos alunos, principalmente, em relação aos que eu nunca tinha encontrado antes da pandemia.

No caso da disciplina Semiótica, eu construí uma imagem deles a partir do corpo, das roupas que vestiam, dos gestos e dos sorrisos, das formas de se aproximarem, da voz, etc., a partir da presença. No entanto, nas aulas online, eu já não tinha mais essa base. Talvez, o mais angustiante era começar-se a dar conta de que não tínhamos escapado ao consumo dos nossos próprios rostos, mesmo, quando estávamos no ambiente da sala de aula presencial. Belting escreveu que, todos, em geral, consomem incessantemente as faces geradas em diversos contextos sociais.

Quando questionados, por que não abriam as câmeras, as respostas variavam passando pela timidez, por não terem uma câmera instalada, por estarem no quarto ainda deitados, por dividirem o espaço com o irmão/a irmã no quarto, por estarem na cozinha, por não quererem aparecer demasiadamente, por não serem exibidos. Na era do consumo das imagens, não queriam ser vistos pelos colegas e pela professora. Não queriam mostrar partes da vida em casa, da casa. Esses espaços eram praticamente desconhecidos de todos. No entanto, ainda que nos fosse permitido ver os lugares onde assistiam às aulas, isso não era o suficiente para tornarmo-nos próximos. E, novamente, perguntas, como: que tipo de vínculo estávamos construindo nas aulas síncronas? Que tipo de educação é essa mediada pelas TICs? Depois que eu desligava a câmera, essas questões apareciam fortemente. O que sobrava deles? Do conteúdo? Do contato? Que memória dos encontros constituíamos? Memória curta?

Na página 87 do livro *Faces*, Belting anotou que, na TV os rostos oferecem-se como "superfícies incorpóreas", porque não há troca de olhares com quem está assistindo aos programas. Sob essa perspectiva, também as máscaras antigas funcionavam assim. Será que o que eu sentia ao olhar para a tela do computador e ver as imagens dos alunos e as faces, quando apareciam, distorcidas pelas câmeras, não seria isso que ele descreve? Havia uma certa ansiedade pelo encontro ou de ir ao encontro deles, mas que não se realizava, a não ser pela simulação da presença de cada um durante esses encontros.

Como as instituições superiores "entraram no eixo" rapidamente, ou seja, apesar do sindicato, de alguns debates terem sido levantados sobre o fechamento da universidade, todas as atividades praticamente transformaram-se em online já no primeiro semestre de 2021. E por quê? A narrativa de uma pandemia mundial foi a única

que circulou fortemente em todos os meios de comunicação, disciplinando os comportamentos e as formas de comunicação. Contaminados pelo medo do invisível alimentado pela mídia todos os dias, o caminho para a mudança tinha sido pavimentado.

Há muitos anos o professor Norval Baitello publicou um livro chamado "O animal que parou os relógios". Li quase toda a coletânea a exceção da parte II. À época, a necessidade de compreender um pouco mais sobre a Semiótica da Cultura direcionava a atenção. Nunca chegava até o episódio sobre a "chuva de rádios". Só muito mais tarde é que fui ler. A experiência de ter de ministrar aulas online, imediatamente me levou de volta ao texto. Me perguntava: "é isso que está acontecendo?" O Haiti é aqui!? (parafraseando a ideia do professor). Não só temos rádios, mas rádios conjugados aos parelhos celulares e tudo o mais que chips e aplicativos instalados nesses aparelhos podem oferecer. Se lá no texto "Ambivalência na/da mídia: o Haiti e a chuva de rádios" o professor contava da invasão americana ao Haiti, através das informações, distribuídas como presente, há mais ou menos dois anos, no Brasil, em reportagem no site da EBC Brasil, pode-se ler situação muito parecida quando o ministro das comunicações Fabio Faria explicou em maio de 2021 que a portaria (por ele assinada) assegurava que celulares capazes de receber FM não seriam bloqueados. "Isso é muito importante, porque apenas com essa ligação seremos capazes de levar informação - por exemplo, da covid-19 - a todos os brasileiros".³

Desde 2020, os meios, em coro, e diariamente construíram uma narrativa sobre os perigos que chegariam com o vírus vindo da China. Sem negar as milhares de mortes

³ Agência Brasil explica: como posso sintonizar FM no celular <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2021-05/agencia-brasil-explica-poss0-sintonizar-fm-no-celular>

que ocorreram no Brasil (terrível) e/ou questionar medidas de proteção, o que se viu foi uma voz uníssona dos meios sobre a situação de mortalidade em vários países. Sem a possibilidade de refletir sobre os fatos e dados oficiais sobre taxas de ocupação dos hospitais, por exemplo, houve uma enorme dificuldade em compreender o que aconteceu em termos políticos e as implicações dessas manipulações na vida de todos as pessoas.

Apesar de na segunda parte do seu artigo, o professor Baitello referir-se ao trabalho jornalístico, quando fala da articulação do presente como uma atividade tradutora, eu não posso deixar de pensar que isso serve muito bem para dizer que as aulas remotas se caracterizaram pela transposição dos acontecimentos, dos professores, dos alunos em imagens e em textos verbais. Toda a complexidade que envolve a presença e a simultaneidade sofreu uma tradução. Elas podem se equivaler? Pergunto.

No seu livro *Existências penduradas* o professor observa o gesto do levantar a mão. Nas aulas remotas a mão transformou-se em um ícone. "Quem se manifesta, levanta o braço. É sinal de presença e existência (Baitello, 2019, p.25)." Aprendemos a olhar esse ícone junto de vários outros sinais e gestos antes realizados pelo corpo que já perdeu muito da sua força social, política, porque protestos, reivindicações sem o corpo e com imagens, só move e comove, só movimenta, enquanto durarem as imagens, observa o professor.

Boris Cyrulnik escreveu muitas coisas relacionadas ao trauma, às emoções. No entanto, ele jamais esqueceu que no meio do trauma, da vergonha, da raiva, de tudo, há a necessidade de transformar as atitudes que impedem a cura das nossas dores psíquicas em relações afetivas, de proximidade afetiva. Sem afeto como pode haver a construção do conhecimento?

Por isso, quando as aulas online aconteceram, fruto da necessidade da redução das interações, do contato, esse confinamento foi sentido como uma violência ao corpo, porque se transformou - em algum nível - numa agressão psicológica, neurológica por causa do isolamento sensorial. Essas afirmações de Boris Cyrulnik servem para esse contexto, porque afetou muito os alunos que são jovens e gostam de ser estimulados com encontros, conversas, atividade física.

Tive uma aluna que falou da falta que ela sentia de ir à feira, ao mercado com o pai. Ela adorava ir aos mercados com ele, mas tudo havia mudado com a pandemia. Já não olhava e nem sentia o cheiro dos alimentos como antes, comer pão de queijo ou salgadinho enquanto fazia as compras e mesmo observar os feirantes alegres ou com a "cara amarrada" havia mudado por conta do uso obrigatório das máscaras. Inclusive os "hãhã?" "como" "não entendi" ficaram ainda mais frequentes depois que as bocas e os narizes "foram tampados" para que a transmissão do vírus fosse contida. Ainda encontramos álcool em gel espalhados em muitos estabelecimentos que lembram como as mãos, tão importantes para a comunicação de proximidade, transformaram-se também em portadora de doença. Os rituais de cumprimento sofreram transformações e o aperto de mão deu lugar ao "soquinho". Outro aluno disse-me que em relação às aulas, estava sendo uma experiência de muito aprendizado, tanto em relação aos aspectos comunicacionais, quanto em relação ao conteúdo. Era difícil, na expressão dele, "absorver tudo", porque não mudavam de ambiente. Trocavam de salas virtuais, estudavam novos assuntos, mas permaneciam na mesma cadeira. Fazia falta ver as pessoas circulando pelos corredores, no saguão do prédio onde estudavam, lanchando e conversando na cantina. Para um outro, a comunicação não "circulava" tão plenamente como

quando era presencial. Nas salas online, cada um tinha o seu momento para falar, para participar e se as falas se sobrepusessem, o entendimento ficava prejudicado. Por mais que na presença acontecesse isso, ainda assim, era mais fácil se entenderem. Alguns confessaram que, em determinadas disciplinas, colocavam os vídeos em velocidade acelerada porque não tinham paciência para ouvir. Achavam tudo muito lento. Houve um aluno - no semestre seguinte - que fez um pequeno documentário expondo com registros fotográficos as atividades sociais e políticas desenvolvidas pelos alunos e professores antes da pandemia e durante o período em que a universidade esteve fechada sem a presença física dos seus integrantes. Quem tiver interesse pode assistir essa produção no seguinte endereço:

<https://drive.google.com/file/d/1onJ-I9gLlt52mwPlgYJu4RU92JWKG0Kp/view?usp=drivesdk>

Esses são alguns exemplos que ilustraram essa reflexão até aqui. Há muitos outros que não foram selecionados para esse texto, mas que ficam como conteúdo para a continuidade do trabalho mais adiante.

REFERÊNCIAS:

- BAITELLO, Norval. (1999). O animal que parou os relógios (1ª edição). São Paulo: Editora Annablume.
- BAITELLO, Norval. (2019). Existências penduradas: selfies, retratos e outros penduricalhos (1ª edição). Rio Grande do Sul: Unisinos Editora.
- BEIGUELMAN, Giselle. A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covídico. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142020000300549.
- BELTING, Hans. (2019). Faces. Uma história do rosto. Lisboa: Editora Kkym.
- CYRULNIK, Boris. (1995). Os alimentos do afeto (1ª edição). São Paulo: Editora Ática.
- CYRULNIK, BORIS. (1999). Do sexto sentido. O homem e o encantamento do mundo (1ª edição). Lisboa: Instituto Piaget.
- CYRULNIK, Boris. Os adolescentes mais afetados pela pandemia terão depressão crônica quando adultos. <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-31/boris-cyrulnik-os-adolescentes-mais-afetados-pela-pandemia-terao-depressao-cronica-quando-adultos.html>
- MONTAGU, Ashley. (1988). Tocar: o significado da pele humana (10ª edição). São Paulo: Summus Editorial.

